

PANORAMA DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO DIANTE DA PANDEMIA DE COVID-19

ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO E REMUNERAÇÃO DAS MULHERES METALÚRGICAS NO MERCADO DE TRABALHO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E REGIÃO

Estudo elaborado pelo ILAESE - Instituto Latino Americano de Estudos Socioeconômicos sob a coordenação de Ana Paula Santana e Larissa Comodaro.

ABRIL DE 2022

INTRODUÇÃO

Este estudo tem a finalidade de apresentar o panorama sobre o emprego e renda do conjunto de mulheres metalúrgicas de São José dos Campos e região. Antes disso, apresentamos a situação das mulheres trabalhadoras no mundo e os impactos da pandemia de COVID-19 sobre elas.

Adiante, destacamos dados nacionais sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro. Os dados confirmam o aprofundamento das desigualdades entre homens e mulheres quanto à participação, posição e remuneração no mercado de trabalho brasileiro. A pandemia de Covid-19 escancarou as mazelas do capitalismo e veremos como ela se torna uma justificativa para aprofundar a exploração de toda a classe trabalhadora, especialmente das mulheres. Por isso, neste estudo demarcamos o período anterior e durante a pandemia, sendo que as principais análises comparam a situação em 2019 e em 2021.. Nossa principal ferramenta para realizar este trabalho foi a Pesquisa Nacional de Amostra a Domicílio Contínua (PNAD Contínua), do IBGE.

Finalmente, apresentamos a composição da categoria metalúrgica em São José dos Campos e região. Buscamos compreender e explicar o crescimento de mulheres na categoria e sua associação ao rebaixamento de salários que vem ocorrendo ao longo dos últimos anos.

Para o levantamento regional, utilizamos a base da Relação Anual de Informações Sociais Estatística (RAIS Estatística), a base do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo CAGED) e o banco de dados próprio do ILAESE. Os dados da categoria apresentados utilizados até o ano de 2020, foram fornecidos pela RAIS. A partir do ano de 2021, nós usamos as informações disponibilizadas no Novo CAGED. Hoje a nova plataforma nos impõe alguns limites, principalmente na filtragem por gênero nas admissões e desligamentos e na remuneração destes. Portanto, os dados deste último ano foram estimados a partir de informações do Departamento de Cadastro do Sindicato e da diretoria da entidade, que forneceu dados precisos sobre a participação das mulheres nas indústrias metalúrgicas da região, especialmente sobre as fábricas que acumularam maior número de contratação feminina no período.

Ressaltamos que os limites destas bases estatísticas e as mudanças limitando o acesso às informações representa um desafio para a equipe do ILAESE em medir as condições socioeconômicas de todo o conjunto da classe trabalhadora. Ainda assim, fizemos o melhor possível tendo em vista os dados disponíveis.

ÍNDICE

1. A EXPLORAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO MUNDIAL DIANTE DA PANDEMIA DE COVID-19

2. BRASIL: A SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA DAS MULHERES NO PAÍS

MULHERES NA FORÇA DE TRABALHO: EMPREGADAS E DESEMPREGADAS

MULHERES FORA DA FORÇA DE TRABALHO

REBAIXAMENTO DA REMUNERAÇÃO DOS TRABALHADORES NO BRASIL

REMUNERAÇÃO DAS MULHERES

3. SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E REGIÃO

COMPOSIÇÃO DE HOMENS E MULHERES NA CATEGORIA

PERCENTUAL DE MULHERES NA CATEGORIA

COMPOSIÇÃO E REMUNERAÇÃO NAS PRINCIPAIS EMPRESAS DA REGIÃO

O CASO DA GM

O CASO DA EMBRAER

O CASO DA ERICSSON

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. MUNDO

A EXPLORAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO MUNDIAL DIANTE DA PANDEMIA DE COVID-19

Menor taxa de participação das mulheres no mercado de trabalho mundial

Nos dois últimos anos, período marcado pela pandemia de Covid-19, a taxa de participação da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho mundial chegou a seu menor patamar em 15 anos. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que a pandemia tenha deixado 13 milhões de mulheres sem emprego só na América Latina. Incluindo as mulheres que já não conseguiam emprego antes da pandemia, a desocupação chega a 25 milhões.

Se na América Latina temos esse número alarmante de mulheres que poderiam estar trabalhando e não estão, no mundo o cenário se repete. A perda de emprego das mulheres na pandemia foi de 5%, ante 3,9% dos homens.

Ao todo, 64 milhões de mulheres em todo o mundo deixaram a força de trabalho no período pandêmico.

Fonte: OIT

A pandemia de Covid-19 agravou uma situação que já era muito ruim para as mulheres da classe trabalhadora. Se antes da pandemia tínhamos que conviver com o desemprego, a rotatividade no mercado de trabalho, salários bem abaixo do que o dos homens, assédio moral e sexual, dupla jornada, sobrecarga de tarefas domésticas, discriminações diversas de gênero e um imenso etcetera; durante a pandemia as mulheres trabalhadoras se viram em um beco sem saída. Sem escolas e creches funcionando, elas tiveram que arcar integralmente pelo cuidado das crianças. Os cuidados com os idosos e mesmo com os doentes vítimas da covid-19 também foram concentrados nas mãos das mulheres.

O trabalho remoto não alcançou todas as mulheres de forma igual. Somente uma parte, especialmente àquelas com ensino superior, puderam se proteger do vírus trabalhando de casa. Mesmo essas, vivenciaram uma sobrecarga ainda maior de trabalho doméstico e o acúmulo de funções, exercendo de fato jornadas simultâneas de trabalho.

O desemprego e a insegurança no trabalho que afetou as mulheres nestes últimos dois anos de forma cruel. O grosso da mão de obra feminina no mercado de trabalho mundial está concentrado em áreas de atendimento ao público, como hotelaria, alimentação e comércio varejista. Quando estes setores deixaram de funcionar devido às medidas para conter a transmissão do vírus, aumentou o desemprego feminino no período.

A posição das mulheres no mercado de trabalho fez com que elas amargassem ainda mais os efeitos da crise econômica e sanitária.

A crise econômica e sanitária aprofundou as desigualdades de gênero

No mercado de trabalho mundial, a maioria das mulheres estão nos setores mais severamente afetados pela crise econômica e sanitária. Estes setores não conseguem operar em teletrabalho, como lojas, hospitais e cuidados de saúde. Especialmente em trabalhos mal remunerados ou que requerem poucas qualificações, as mulheres estão mais sujeitas ao risco de desemprego, e encontram mais barreiras para se beneficiar de medidas de garantia de emprego, que são exclusividade do trabalho formal. No período pandêmico, com a justificativa da crise sanitária, as demissões e rebaixamento de salários passaram a ser regra.

Essas interrupções na carreira têm impactos de longo prazo nas perspectivas do mercado de trabalho feminino. As profissionais que ficaram desempregadas neste período retornarão aos empregos com salários mais baixos e posições menos qualificadas. Assim, vemos o pequeno progresso conquistado com muita luta se esvair e regredir ao patamar de mais de uma década, como apontou o estudo Índice de Mulheres no Trabalho da PwC Women in Work Index (PwC), realizado anualmente em 33 países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Para amenizar os danos causados às mulheres neste período, o progresso em relação à igualdade de gênero precisaria ser duas vezes mais rápido do que a sua taxa histórica até 2030.

Não esqueçamos àquelas que estiveram na linha da frente do combate à covid-19. A participação das mulheres nos serviços de saúde é grande.

Veja que, 76% do pessoal de saúde e de assistência social são mulheres, percentual que sobe para 86% entre prestadores de cuidados pessoais nos serviços de saúde.

Fonte: Relatório de Desigualdade Econômica de Gênero 2021

Com a pandemia, esses setores viram um aumento sem precedentes da carga de trabalho, dos riscos para a saúde e dos desafios no equilíbrio entre a vida pessoal e profissional.

O trabalho doméstico representa um segundo turno de trabalho para as mulheres.

Além das questões acima mencionadas, as mulheres arcam com boa parte dos serviços domésticos. Todas as funções de cuidado e garantia da reprodução da vida, fundamentais para a existência da humanidade, injustamente não são contabilizadas e nem consideradas como parte da riqueza mundial, recaem sobre as mulheres. Esta sobrecarga doméstica e de cuidados resulta da naturalização da responsabilização das mulheres pelas tarefas domésticas.

O trabalho doméstico continua a ser majoritariamente exercido pelas mulheres: gastamos, em média, 62 horas semanais no cuidado das crianças; contra 36 horas para os homens e 23 horas em tarefas domésticas; contra 15 horas para os homens.

Fonte: ONU Mulheres 2021

Esta dupla jornada, que significa um “segundo turno” de trabalho, equivale ou mesmo ultrapassa a carga horária de um trabalho extra em tempo integral.

A violência doméstica, casos de agressão e feminicídio aumentaram neste período. Também permanece o abismo entre a remuneração de homens e mulheres. Veremos com detalhes os dados nacionais e da região de São José dos Campos que mesmo com escolaridade e qualificação acima que a dos homens, os salários das mulheres são menores, mesmo quando exerce o mesmo cargo ou função.

As desigualdades existentes entre homens e mulheres foram exacerbadas em quase todas as áreas do cotidiano, regredindo conquistas duramente alcançadas nos últimos anos. O panorama impõe no momento atual mais organização e luta das mulheres trabalhadoras.

2. BRASIL: A SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA DAS MULHERES NO PAÍS

Assim como no mundo, a classe trabalhadora no país também sofreu com os impactos da crise sanitária de covid-19. Vejamos adiante como as mulheres, sobretudo as negras, foram deslocadas do mercado de trabalho.

MULHERES NA FORÇA DE TRABALHO: EMPREGADAS E DESEMPREGADAS

Na tabela a seguir, utilizamos dados trimestrais fornecidos a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do IBGE, para analisar a situação das mulheres antes e durante a pandemia.

MULHERES EM IDADE ATIVA (14 ANOS OU MAIS) – POSIÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

BRASIL	MULHERES NO 3º TRIMESTRE DE 2019		MULHERES NO 3º TRIMESTRE DE 2021	
	TOTAL	%	TOTAL	%
Na força de trabalho como	47.504	54,57%	46.398	52,25%
Ocupadas	40.696	46,75%	39.026	43,95%
Desempregadas	6.808	7,82%	7.372	8,30%
Fora da força de trabalho	39.553	45,43%	42.395	47,75%

Fonte: PNAD Contínua, IBGE. Elaboração: ILAESE.

Considerando o total de mulheres em idade ativa, com 14 anos ou mais, antes da pandemia, em 2019, 54,57% figuravam dentro da força de trabalho, ou seja, estavam trabalhando ou em busca de emprego. Destas, 46,75% estavam ocupadas e 7,82% estavam desempregadas. Veja que no mesmo período em 2021, houve uma diminuição de mulheres na força de trabalho para 52,25%, assim como uma elevação no desemprego para 8,30%.

Quase metade das mulheres que poderiam estar trabalhando, estão fora do mercado de trabalho.

São várias as razões para crescimento do número de mulheres fora da força de trabalho durante o período pandêmico. A principal delas é a falta de expectativa em encontrar uma nova colocação, já que quase metade delas procuravam um novo trabalho há mais de dois anos. Outra razão foi a sobrecarga de trabalho doméstico não remunerado sobre as mulheres.

Expressando uma opressão estrutural da sociedade capitalista, durante a pandemia as mulheres mais que dobraram o número de horas dedicadas ao trabalho doméstico. Além do trabalho de cuidar das crianças, que se encontravam fora das creches e escolas, passaram também a cuidar de familiares vítimas da contaminação pela Covid-19. Essa sobrecarga é resultado da naturalização da responsabilização das mulheres pelas tarefas domésticas.

A crise econômica e sanitária jogou para fora do mercado de trabalho uma parte considerável do contingente feminino e veja que para as mulheres negras, a situação piorou.

MULHERES NEGRAS EM IDADE ATIVA (14 ANOS OU MAIS) - POSIÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

BRASIL	MULHERES NO 3º TRIMESTRE DE 2019		MULHERES NO 3º TRIMESTRE DE 2021	
	NEGRAS	%	NEGRAS	%
Na força de trabalho como	25.748	29,58%	24.823	27,96%
Ocupadas	21.353	24,53%	20.142	22,68%
Desempregadas	4.396	5,05%	4.681	5,27%
Fora da força de trabalho	22.380	25,71%	23.497	26,46%

Fonte: PNAD Contínua, IBGE. **Elaboração:** ILAESE.

Na desagregação por raça, percebe-se que a desocupação entre as mulheres negras é sempre mais alta. O racismo naturalizado faz com que essas trabalhadoras sejam colocadas nos postos de trabalho mais precários. A realidade atual é que 4 entre 10 mulheres negras foram subutilizadas em 2021.

TAXA DE PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO

TAXA DE PARTICIPAÇÃO	3º TRIMESTRE DE 2019	3º TRIMESTRE DE 2021
BRASIL	54,60%	52,30%
SÃO PAULO	61,20%	58,10%

Fonte: PNAD Contínua, IBGE. **Elaboração:** ILAESE.

Mesmo no estado de São Paulo, que figura entre os que possuem maiores taxas de ocupação feminina, veja que houve uma diminuição considerável quando comparamos o período antes e durante a pandemia.

REBAIXAMENTO DA REMUNERAÇÃO DOS TRABALHADORES

O Brasil passa por uma crise econômica profunda. Não são apenas os efeitos da pandemia de covid-19 que fizeram as condições econômicas piorar. Somos hoje o país da informalidade e do trabalho precário. A opção da burguesia brasileira de desindustrializar o Brasil, faz com que grande parte dos postos de trabalho formais sejam fechados.

Da reforma trabalhista, passando pela reforma previdenciária, chegando na MP da carteira verde e amarela, políticas buscaram desregulamentar as relações de

trabalho, aumentando a exploração do conjunto da classe trabalhadora. Veja que homens e mulheres tiveram redução em seu rendimento médio, no período demarcado. Porém, vamos atentar que essa redução já estava em andamento com todas as políticas de destruição da força de trabalho brasileira. A pandemia vem como uma justificativa, que caiu como luva nas mãos dos grandes empresários.

Veja que a remuneração média dos homens do ano de 2019 para 2021, caiu em mais de 5%.

REMUNERAÇÃO MÉDIA DE HOMENS E MULHERES: ANTES E DURANTE A PANDEMIA

BRASIL	RENDIMENTO MENSAL	
	HOMENS	MULHERES
3º TRIMESTRE DE 2019	R\$ 2.742,00	R\$ 2.139,00
3º TRIMESTRE DE 2021	R\$ 2.599,00	R\$ 2.078,00

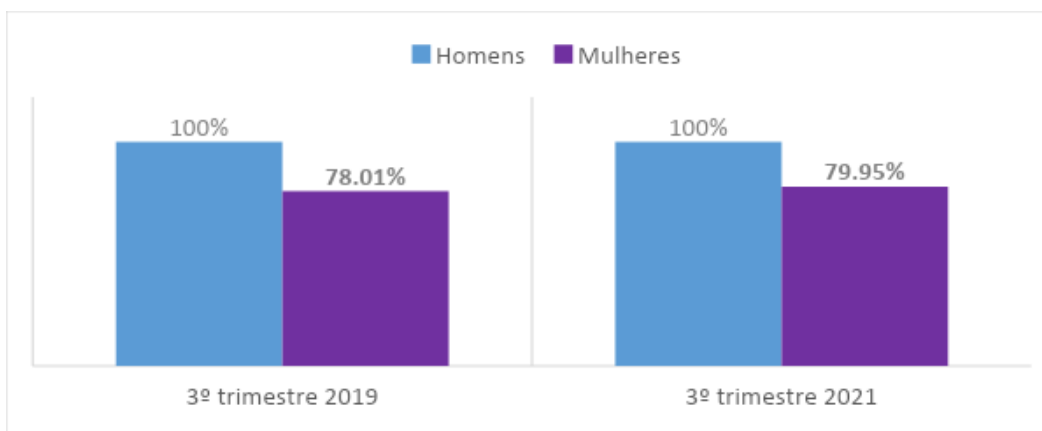
Fonte: PNAD Contínua, IBGE. Elaboração: ILAESE.

Historicamente as mulheres recebem salários menores quando comparado ao dos homens, mesmo exercendo a mesma função e com nível de escolaridade superior. As mulheres encontram-se submetidas às condições mais precárias e a informalidade afeta de forma desigual homens e mulheres.

O capital encontra na superexploração da força de trabalho feminina uma fonte para extração de maiores lucros, bem como permite rebaixar o salário ao conjunto dos trabalhadores. As desigualdades salariais entre os gêneros é apenas uma das expressões da opressão às mulheres.

Veja no gráfico abaixo que as mulheres recebem em média 20% a menos que os homens. Curioso observar que o aumento percentual no ganho das mulheres comparado ao dos homens no ano de 2021, não se deve a uma melhora na remuneração feminina, mas sim ao arrocho salarial dos homens.

PERCENTUAL DE REMUNERAÇÃO COMPARADO POR GÊNERO



Fonte: PNAD Contínua, IBGE. Elaboração: ILAESE.

O arrocho salarial atingiu todas as categorias de trabalhadores, exceto os Membros das forças armadas, policiais e bombeiras militares, como especifica a tabela abaixo. Poderíamos discorrer sobre isso, porém não é objeto deste estudo.

A tabela abaixo especifica o rendimento das mulheres dos setores agrupados na RAIS por hora, comparando o ano de 2019 com o ano de 2021. Em alguns setores a variação salarial no período chega a quase 10% de perdas.

RENDIMENTO DAS MULHERES POR HORA

BRASIL	3º TRIMESTRE DE 2019	3º TRIMESTRE DE 2021	VARIAÇÃO
Diretoras e gerentes	R\$ 30,83	R\$ 27,88	-9,57%
Profissionais das ciências e intelectuais	R\$ 30,20	R\$ 28,55	-5,46%
Técnicas e profissionais de nível médio	R\$ 17,66	R\$ 16,14	-8,61%
Trabalhadoras de apoio administrativo	R\$ 11,76	R\$ 10,80	-8,16%
Trabalhadoras dos serviços, vendedoras dos comércios e mercados	R\$ 9,78	R\$ 9,54	-2,45%
Trabalhadoras qualificadas da agropecuária, florestais, da caça e da pesca	R\$ 9,45	R\$ 9,25	-2,12%
Trabalhadoras qualificadas, operárias e artesãs da construção, das artes mecânicas e outros	R\$ 8,83	R\$ 8,58	-2,83%
Operadoras de instalações e máquinas e montadores	R\$ 8,85	R\$ 8,42	-4,86%
Ocupações elementares	R\$ 8,07	R\$ 7,72	-4,34%
Membros das forças armadas, policiais e bombeiras militares	R\$ 35,57	R\$ 39,71	11,64%

Fonte: PNAD Contínua, IBGE. **Elaboração:** ILAESE.

Destacamos em amarelo, as trabalhadoras qualificadas, operárias e artesãs da construção, das artes mecânicas e as operadoras de instalações e máquinas e montadores – setores a que estão associados às trabalhadoras metalúrgicas. Veja que sofreram uma redução salarial em 2,83% e 4,86%, consecutivamente.

3. SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E REGIÃO

Nesta seção analisamos a categoria metalúrgica de São José dos Campos e região. Partimos da composição da categoria, especificando os setores mostrando numericamente e por gênero. Em seguida, mostramos a evolução da proporção de homens e mulheres na categoria, destacando o percentual de mulheres na última década. Por fim, passamos pelas principais empresas onde houveram números elevados de contratações de mulheres no período recente e analisamos a remuneração nessas empresas bem como no conjunto da categoria.

COMPOSIÇÃO DE HOMENS E MULHERES NA CATEGORIA

A tabela abaixo especifica a composição por setor da categoria metalúrgica no ano de 2021. O setor com maior número de mulheres é o de fabricação de equipamentos de transporte, com mais de duas mil trabalhadoras. Neste setor a empresa que se destaca é a Embraer. Em seguida, com mais de 1200 mulheres está o setor de fabricação de veículos automotores, que entre 2020 e 2021 ganhou mais de 160 mulheres apenas na General Motors.

COMPOSIÇÃO DA CATEGORIA METALÚRGICA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E REGIÃO – 2021

TOTAL DE TRABALHADORES	ESTIMATIVA 2021		
	Masculino	Feminino	Total
METALURGIA	1050	144	1194
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE METAL	3580	789	4369
FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA E ELETRÔNICOS	873	573	1446
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS ELÉTRICAS	943	269	1212
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	1298	169	1467
FABRICAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES	6726	1209	7935
FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE	9109	2119	11228
MANUTENÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	1691	221	1912
Total	25270	5493	30763

Fonte: RAIS, NOVO CAGED. Elaboração: ILAESE

Como falamos na introdução deste estudo, os dados fornecidos pela RAIS foram publicados até o ano de 2020. Assim, o número de trabalhadores em 2021 foi estimado a partir do saldo de trabalhadores divulgado pelo CAGED de janeiro a dezembro. Ressaltamos aqui os limites do Novo CAGED, que não fornece mais o filtro de admissões e desligamentos por gênero. Isso fez com que buscássemos critérios confiáveis para estimar a composição por gênero no ano de 2021.

Os parâmetros e critérios foram: 1. o número de mulheres no ano de 2020 segundo a RAIS por cada um dos setores; 2.o saldo do caged de 2021 por setor; 3. as informações da diretoria sobre os números das contratações de mulheres nas principais fábricas no último ano e 4. as informações do departamento de cadastro do Sindicato. Esses critérios em conjunto nos permite confiabilidade nos números expostos acima.

Os eventos quanto a composição de gênero mais relevantes no período foram os desligamentos no setor eletroeletrônico, resultante do fechamento das fábricas Suntech, Blue Tech e 3C e as contratações de mulheres na General Motors e na Ericsson. Esses foram os eventos mais expressivos quanto a saída e entrada de novas trabalhadoras na categoria metalúrgica. Há outras movimentações, porém quantitativamente menores em comparação a esses.

PERCENTUAL DE MULHERES NA CATEGORIA

Abaixo, mostramos a evolução da composição da categoria por gênero do ano de 2015 a 2021. Observamos que neste período há uma linha constante no contingente feminino.

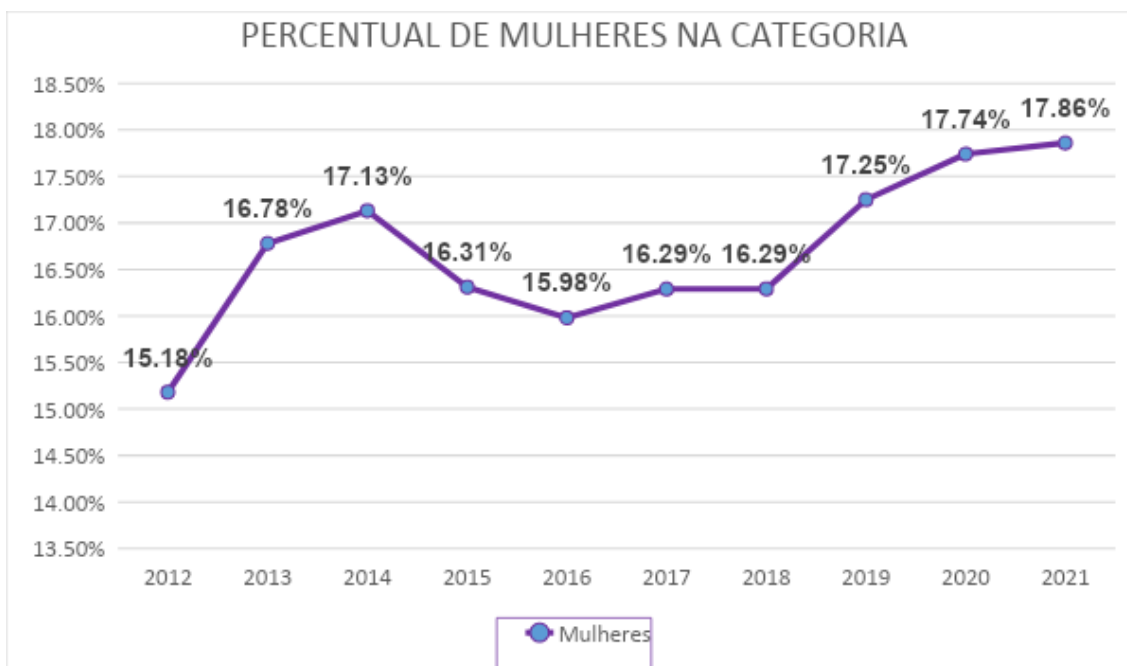
QUANTIDADE DE TRABALHADORES POR GÊNERO NA CATEGORIA METALÚRGICA EM SJC E REGIÃO

COMPOSIÇÃO DA CATEGORIA	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
MASCULINO	30700	28541	27204	26907	21924	24533	25270
FEMININO	5985	5427	5293	5236	4571	5289	5493
TOTAL	36685	33968	32497	32143	26495	29822	30763

Fonte: RAIS, NOVO CAGED. Elaboração: ILAESE

Entre o ano de 2020 e 2021 somou à categoria 941 trabalhadores. Os 30.763 metalúrgicos na região de São José dos Campos em 2021 passam longe da quantidade total de trabalhadores em 2018 que era 32.143. O ano com o maior número de desligamentos foi 2019 e no período pandêmico as contratações não alcançaram o patamar de antes. Analisando assim, não temos um crescimento expressivo, apenas uma recomposição.

Nos três últimos anos, houve de forma consecutiva o crescimento do número de mulheres na categoria. Crescimento ainda pequeno, porém há que se observar as tendências e os movimentos que acontecem nas grandes empresas na região e no país. O gráfico abaixo mostra o percentual de mulheres na categoria na última década.



Fonte: RAIS, NOVO CAGED. Elaboração: ILAESE

Notamos, e sabemos que a diretoria da entidade corrobora com essa constatação, que há uma tendência de inserção dos setores oprimidos da sociedade nas indústrias, não só na região de SJC mas no país.

Mulheres, LGBTIs, imigrantes, negros e negras são as mais oprimidas e exploradas nesta sociedade. Mostramos acima a condição desfavorável da mulher no mercado de trabalho e especialmente da mulher negra. A sanha dos capitalistas para aumentar sua margem de lucro faz com que encontrem formas para aumentar a exploração da classe trabalhadora. Para isso, usam também do discurso e da propaganda hipócrita de inserção dos mais oprimidos. Hipócrita porque a inserção vem acompanhada de aumento da exploração, de jornadas extenuantes, salários rebaixados e condições precárias de trabalho.

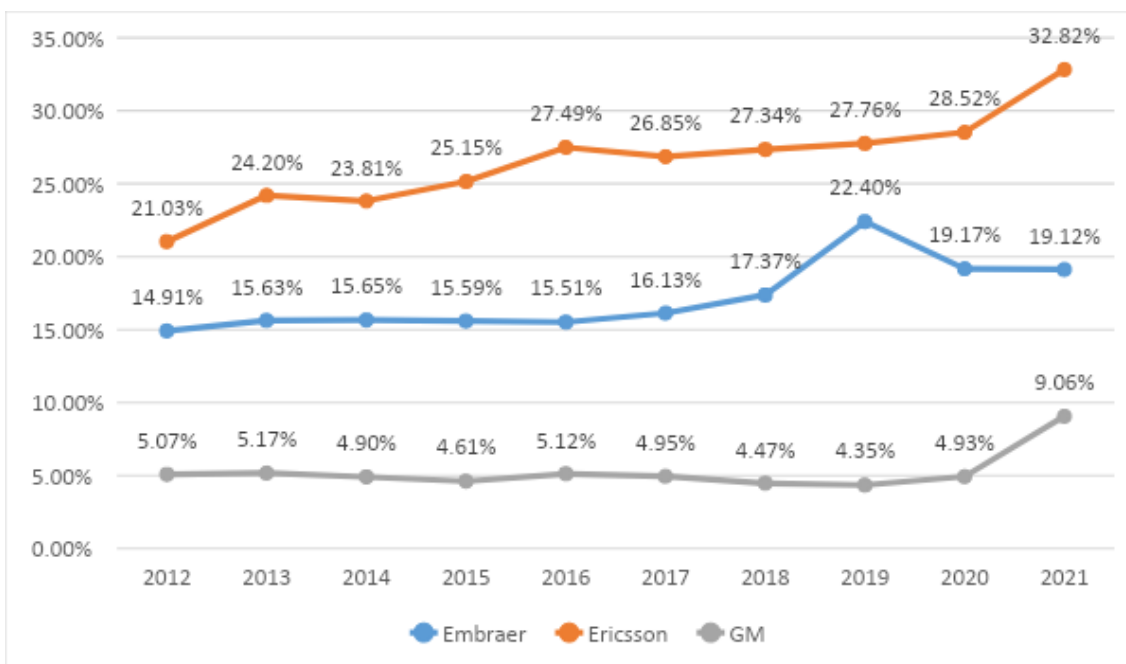
São várias empresas da região que no último período lançaram mão do discurso de inserção. Hitachi, General Motors e Gerdau podem ser utilizadas como exemplo. Nestas empresas aconteceram campanhas internas com o tema de inserção. Porém, observamos que os e as novas contratadas percebem salários menores e trabalham em piores condições.

Pesquisamos três das maiores empresas e dos setores com maior participação feminina, Embraer, Ericsson e General Motors. Veremos que em todas elas, as mulheres sempre estão com salários abaixo que o dos homens.

COMPOSIÇÃO E REMUNERAÇÃO NAS PRINCIPAIS EMPRESAS DA REGIÃO

No gráfico abaixo mostramos a evolução do percentual de mulheres na última década na Embraer, Ericsson e General Motors.

PERCENTUAL DE MULHERES NA EMBRAER, ERICSSON E GM – 2012 A 2021



Fonte: RAIS, NOVO CAGED. **Elaboração:** ILAESE

No ano de 2021, 32,82% do total de trabalhadores na Ericsson eram mulheres. Na Embraer, 19,12% do contingente da fábrica era composto por mulheres e na General Motors, observa-se um salto relevante do ano de 2020 para 2021, saltando de 4,93% de mulheres no ano de 2020 para 9,06% em 2021.

Especificamos por fábrica a composição por gênero dos trabalhadores, o percentual de mulheres quando comparado ao contingente total do ano de 2015 a 2021. Para concretizar o que tocamos acima, acerca da remuneração das mulheres, em um quadro por empresa, mostramos a média salarial por gênero e percentual que as mulheres recebem em relação aos homens.

ANÁLISE DA GENERAL MOTORS

Começamos pela General Motors, marcada pelo salto do número de mulheres no período. Das três empresas analisadas é a que tem diferença salarial entre gêneros mais expressiva. As mulheres recebem em média 20% menos que os salários dos homens, seguindo a média nacional das desigualdades.

COMPOSIÇÃO DOS TRABALHADORES NA GENERAL MOTORS POR GÊNERO

TRABALHADORES GM	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
MASCULINO	4.177	3.987	3.933	3.611	3.191	2.970	3.112
FEMININO	202	215	205	169	145	154	310
TOTAL	4.379	4.202	4.138	3.780	3.336	3.124	3.422
% MULHERES	4,61%	5,12%	4,95%	4,47%	4,35%	4,93%	9,06%

Fonte: RAIS, NOVO CAGED. Elaboração: ILAESE

REMUNERAÇÃO DOS TRABALHADORES DA GM POR GÊNERO

SALÁRIOS GM	2015	2016	2017	2018	2019	2020
MASCULINO	R\$ 5.304,78	R\$ 5.544,01	R\$ 6.013,61	R\$ 6.537,83	R\$ 6.615,10	R\$ 5.746,42
FEMININO	R\$ 4.919,08	R\$ 4.475,19	R\$ 4.681,96	R\$ 5.277,03	R\$ 5.391,70	R\$ 4.548,83
% MULHERES	92,73%	80,72%	77,86%	80,72%	81,51%	79,16%

Fonte: RAIS. Elaboração: ILAESE

ANÁLISE DA EMBRAER

Abaixo apresentamos a análise da Embraer, que ao longo dos anos mantém uma média de quase 20% de mulheres em seu contingente. Mesmo com um número expressivo de trabalhadoras, a remuneração destas representa em média 80% do que os homens recebem, ou seja, seus salários são 20% menores que os dos homens.

COMPOSIÇÃO DOS TRABALHADORES NA EMBRAER

TRABALHADORES EMBRAER	2015	2016	2017	2018	2020	2021
MASCULINO	10.242	8.826	8.248	8.081	7.292	7.483
FEMININO	1.892	1.620	1.586	1.699	1.729	1.769
TOTAL	12.134	10.446	9.834	9.780	9.021	9.252
% MULHERES	15,59%	15,51%	16,13%	17,37%	19,17%	19,12%

Fonte: RAIS. Elaboração: ILAESE

- No ano de 2019 foi suprimido da tabela por constar por não constar na RAIS os vínculos com a Yaborã.

REMUNERAÇÃO DOS TRABALHADORES DA EMBRAER

SALÁRIOS EMBRAER	2015	2016	2017	2018	2019	2020
MASCULINO	R\$ 9.581,35	R\$ 9.769,71	R\$ 9.819,95	R\$ 10.065,18	R\$ 11.077,72	R\$ 10.192,21
FEMININO	R\$ 7.850,05	R\$ 7.882,89	R\$ 8.021,02	R\$ 8.245,34	R\$ 8.612,83	R\$ 8.745,63
% MULHERES	81,93%	80,69%	81,68%	81,92%	77,75%	85,81%

Fonte: RAIS. Elaboração: ILAESE

ANÁLISE DA ERICSSON

Dentre as grandes empresas da região, a Ericsson, empresa do setor eletroeletrônico, é onde o percentual de mulheres é maior. Em média 30% do total de trabalhadores são mulheres. Mesmo sendo assim, elas recebem salários menores, que quando comparado por gênero, a remuneração das mulheres corresponde a 83,42% da remuneração dos homens.

COMPOSIÇÃO DOS TRABALHADORES NA ERICSSON

TRABALHADORES ERICSSON	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
MASCULINO	619	459	436	473	445	431	434
FEMININO	208	174	160	178	171	172	212
TOTAL	827	633	596	651	616	603	646
% MULHERES	25,15%	27,49%	26,85%	27,34%	27,76%	28,52%	32,82%

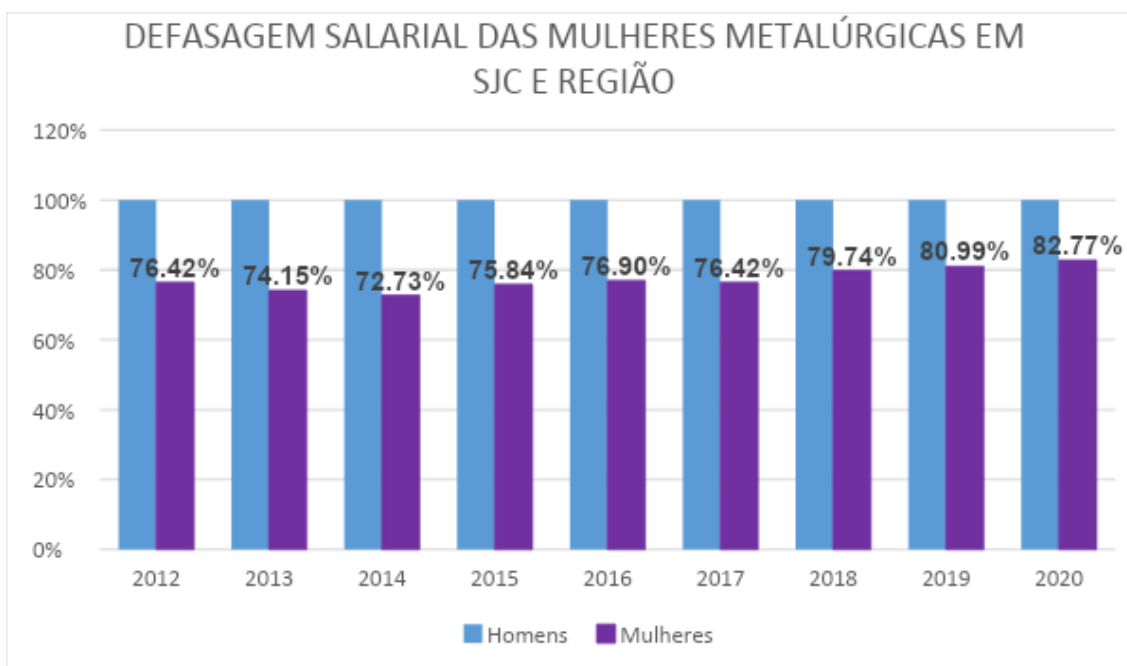
Fonte: RAIS. Elaboração: ILAESE

REMUNERAÇÃO MÉDIA DOS TRABALHADORES DA ERICSSON

SALÁRIOS ERICSSON	2015	2016	2017	2018	2019	2020
MASCULINO	R\$ 6.115,04	R\$ 6.819,16	R\$ 7.493,13	R\$ 7.599,16	R\$ 7.038,24	R\$ 7.188,28
FEMININO	R\$ 5.096,57	R\$ 5.570,48	R\$ 6.170,72	R\$ 6.231,27	R\$ 5.889,32	R\$ 5.999,99
% MULHERES	83,34%	81,69%	82,35%	82,00%	83,68%	83,47%

Fonte: RAIS. Elaboração: ILAESE

Esse cenário se repete no conjunto das empresas metalúrgicas da região. No gráfico abaixo há uma comparação de remuneração por gênero, e veja que há anos em que as mulheres receberam quase 30% a menos que os homens.

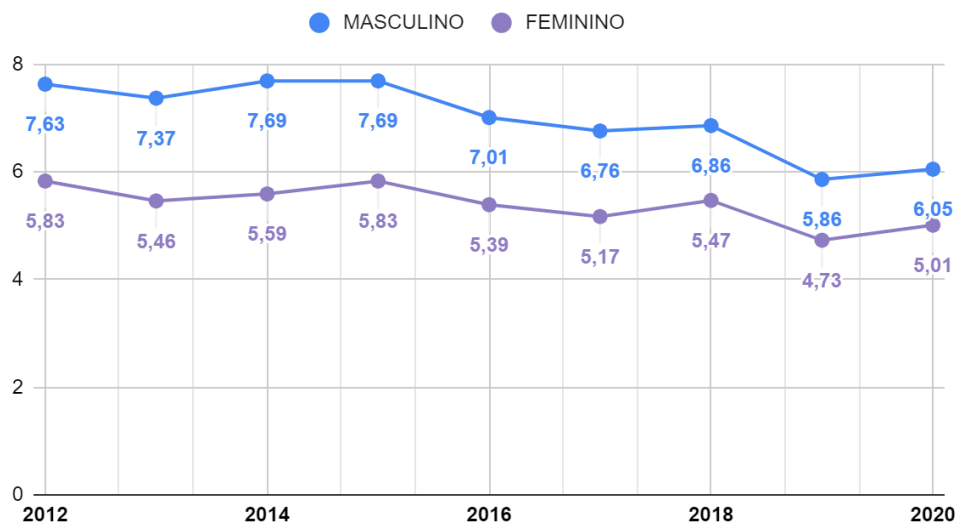


Fonte: RAIS, NOVO CAGED. Elaboração: ILAESE

Os dados com a evolução histórica de remuneração do conjunto da categoria mostram que ao longo da década há um rebaixamento dos salários de homens e mulheres.

A defasagem salarial pode ser vista com clareza no gráfico abaixo e vale destacar que a escolaridade das mulheres, proporcionalmente, é maior que a dos homens. Cerca de 10,4% das mulheres ocupadas têm ensino superior completo, enquanto entre os homens é menos de 9%.

REMUNERAÇÃO NOMINAL EM SALÁRIOS MÍNIMOS



Fonte: RAIS, NOVO CAGED. Elaboração: ILAESE

Veja a remuneração média da categoria, por gênero, em salários mínimos na última década. No ano de 2012, a categoria metalúrgica masculina recebia em média quase 8 salários mínimos, enquanto o contingente feminino recebia quase 6. Já no ano de 2020 os homens recebiam em média 6 salários mínimos e as mulheres apenas 5.

Como já dissemos, a diferença proporcional não representa aumento dos salários das mulheres e sim o arrocho salarial de toda a classe trabalhadora, fruto dos efeitos da política de desmantelamento da classe.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode observar, a inserção feminina no mercado de trabalho é marcada por disparidades em relação à condição masculina. A análise mais detida na região de São José dos Campos e região confirma o que tem sido as condições das mulheres no mundo e no Brasil, tanto em relação à participação no mercado de trabalho quanto à colocação e remuneração.

Durante os dois anos de pandemia de covid-19 a vida de toda a classe piorou. Aumento desmedido do desemprego, da informalidade, da precarização e remuneração, que não começou em 2019 com a crise sanitária. O Brasil está afundado em uma crise econômica que paulatinamente vem desmantelando as condições de vida dos trabalhadores, em especial das mulheres.

O machismo naturalizado na sociedade impõe às mulheres uma série de desvantagens, como a localização nos setores mais precarizados e pior remunerados, a defasagem salarial entre os gêneros, e sobretudo, a exploração do trabalho doméstico não remunerado. Esses elementos acabam por fazer com que metade da classe trabalhadora esteja em piores condições para o ingresso ativo na luta em busca de igualdade e pela construção de uma nova sociedade.

A opressão às mulheres garante maiores lucros ao capital. Por isso, não podemos ter ilusões de que o capitalismo seja capaz de garantir uma condição de igualdade de homens e mulheres na sociedade. O que vemos, pelo contrário, é o aprofundamento das discrepâncias. Nesse sentido, se é a luta de classes que determina a divisão do produto social do trabalho, a luta pela igualdade entre homens e mulheres se apresenta como uma necessidade da classe.